



AS QUATRO ESTAÇÕES DO AMOR

LISA KLEYPAS

Era uma vez no

OUTONO



ARQUEIRO

*Para Christina Dodd,
minha irmã, amiga e inspiração.
Com amor, L.K.*

PRÓLOGO

Londres, 1843

Duas jovens estavam à porta da perfumaria, uma puxando impacientemente o braço da outra.

– Nós *temos* que entrar aí? – disse a mais baixa com um sotaque americano monótono, resistindo enquanto a outra a puxava com força para dentro da loja mal iluminada. – Eu sempre morro de tédio nesses lugares, Lillian. Você passa horas experimentando fragrâncias...

– Então espere na carruagem com a criada.

– O que seria ainda *mais* entediante! Além disso, não devo deixá-la ir a lugar nenhum sozinha. Você sempre se mete em encrencas sem mim.

Enquanto elas entravam na loja, a garota mais alta riu com vontade, de um modo que não condizia a uma dama.

– Você não quer impedir que eu me meta em encrencas, Daisy. Só não quer ser deixada de fora.

– Infelizmente, não há nenhuma aventura em uma perfumaria – respondeu a outra, mal-humorada.

Uma risadinha amável se seguiu a essa afirmação e as duas garotas se viraram e viram o velho de óculos atrás do balcão de carvalho bastante arranhado que se estendia por todo um lado da loja.

– Tem certeza disso, senhorita? – perguntou ele enquanto as duas se aproximavam. – Algumas pessoas acreditam que os perfumes são mágicos. O cheiro de qualquer coisa é sua essência mais pura. E certas fragrâncias podem despertar fantasmas de amores passados, as mais doces lembranças.

– Fantasmas? – repetiu Daisy, intrigada.

– Ele não quer dizer literalmente, querida – interpôs a outra garota com impaciência. – Perfumes não podem evocar fantasmas. E não são mágicos de verdade. São apenas uma mistura de partículas de fragrâncias que viajam para os receptores olfativos em seu nariz.

O velho, Sr. Phineas Nettle, olhou para as garotas com mais interesse. Nenhuma das duas tinha uma beleza convencional, embora ambas fossem

surpreendentes, com pele clara, cabelos muito escuros e um encanto natural que parecia inerente às garotas americanas.

– Por favor – convidou ele, apontando para uma parede com prateleiras –, fiquem à vontade para ver meus produtos, senhoritas...

– Bowman – disse a mais velha em tom amigável. – Lillian e Daisy Bowman. – Ela olhou de relance para a loura com roupas caras que Nettle estava atendendo e compreendeu que ele ainda não estava livre para ajudá-las.

Enquanto a indecisa cliente examinava os perfumes que Nettle lhe trouxera, as garotas americanas olharam sem compromisso as prateleiras de perfumes, colônias, pomadas, ceras, cremes, sabonetes e outros produtos de beleza. Havia óleos de banho em frascos de cristal com tampa, latas de unguentos de ervas e pequenas caixas de pastilhas violeta para refrescar o hálito. As prateleiras mais baixas continham um tesouro de velas perfumadas, tinturas e sachês de sais com aroma de cravo-da-índia, tigelas de pout-pourri e potes de pomadas e bálsamos. Contudo, Nettle notou que enquanto a mais nova, Daisy, olhava para a coleção com apenas um leve interesse, a mais velha, Lillian, parara diante de uma fileira de óleos e extratos que continham essências puras: rosa, frangipana, jasmim, bergamota e algumas outras. Erguendo os frascos de vidro âmbar, ela os abria cuidadosamente e cheirava com visível prazer.

A loura enfim fez sua escolha, comprou um pequeno frasco de perfume e saiu da loja; uma sineta tocou alegremente quando a porta se fechou.

Lillian, que tinha se virado para a mulher que saía, murmurou, pensativa:

– Eu gostaria de saber por que tantas louras cheiram a âmbar.

– Você quer dizer perfume de âmbar? – perguntou Daisy.

– Não. A pele mesmo. Âmbar e, às vezes, mel...

– O que diabos você quer dizer? – perguntou a mais nova rindo, confusa.

– As pessoas não cheiram a nada, exceto quando precisam tomar banho.

Elas se olharam com o que pareceu surpresa mútua.

– Cheiram, sim – disse Lillian. – Todos têm um cheiro... Não diga que nunca notou. Como a pele de algumas pessoas cheira a amêndoa ou violeta, enquanto a de outras...

– A de outras cheira a ameixa, seiva de palmeira ou feno fresco – comentou Nettle.

Lillian olhou para ele com um sorriso de satisfação.

– Isso! Exatamente!

Nettle tirou os óculos e os poliu com cuidado enquanto sua mente se enchia de perguntas. Seria possível? Aquela garota podia mesmo detectar o cheiro intrínseco a uma pessoa? Ele próprio podia, mas esse era um dom raro e jamais ouvira falar de uma mulher que o tivesse.

Tirando um pedaço de papel dobrado de uma bolsa de contas que pendia de seu pulso, Lillian Bowman se aproximou dele.

– Tenho uma fórmula para um perfume – disse ela, entregando-lhe o papel –, embora não esteja certa das proporções adequadas dos ingredientes. Poderia prepará-la para mim?

Nettle abriu o papel e leu a lista, erguendo levemente as sobranças grisalhas.

– Uma combinação não convencional. Mas muito interessante. Acho que pode funcionar. – Ele a olhou com bastante interesse. – Posso lhe perguntar como conseguiu esta fórmula, Srta. Bowman?

– Eu a criei. – Um sorriso inocente suavizou as feições dela. – Tentei pensar nos aromas que poderiam combinar mais com meu cheiro natural. Mas, como eu disse, é difícil para mim calcular as proporções.

Abaixando os olhos para esconder seu ceticismo, Nettle leu a fórmula mais uma vez. Era frequente que clientes o procurassem e pedissem que lhes preparasse um perfume com cheiro de rosas ou lavanda, mas ninguém jamais lhe dera uma lista como aquela. Mais interessante ainda era o fato de que a seleção de aromas, embora incomum, fosse harmoniosa. Talvez ela tivesse escolhido aquela combinação por acaso.

– Srta. Bowman – disse ele, curioso por descobrir até onde iam as habilidades dela –, permitiria que eu lhe mostrasse alguns dos meus perfumes?

– É claro – respondeu Lillian, alegre.

Ela se aproximou do balcão quando Nettle trouxe um pequeno frasco de cristal cheio de um líquido claro e brilhante.

– O que o senhor está fazendo? – perguntou enquanto ele pingava algumas gotas do perfume em um lenço de linho branco.

– Nunca se deve inalar perfume diretamente do frasco – explicou Nettle, entregando-lhe o lenço. – Antes, deve-se expô-lo ao ar para que o álcool evapore... e reste a verdadeira fragrância. Srta. Bowman, que aromas consegue detectar neste perfume?

Mesmo os perfumistas mais experientes faziam um grande esforço para separar os componentes de um perfume... precisavam de minutos

ou até mesmo horas de inalações repetidas para distinguir um ingrediente de cada vez.

Lillian abaixou a cabeça para sentir o perfume do lenço. Sem hesitar, surpreendeu Nettle ao identificar a composição com a agilidade e a competência de um pianista dedilhando escalas ao piano.

– Flor de laranjeira... neroli... âmbar-gris e... musgo? – Ela fez uma pausa, erguendo os cílios para revelar olhos castanhos aveludados que continham um brilho de espanto. – Musgo em perfume?

Nettle a olhou claramente surpreso. As pessoas comuns eram muito limitadas em sua capacidade de reconhecer os componentes de um perfume complexo. Talvez pudessem identificar o ingrediente principal, um aroma óbvio como o de rosas, limão ou hortelã, mas detectar as camadas e as filigranas de um perfume em particular estava muito além da capacidade da maioria dos humanos.

Recuperando o raciocínio, Nettle sorriu de leve à pergunta de Lillian. Frequentemente abrihantava seus perfumes com notas peculiares que lhes davam profundidade e textura, mas ninguém jamais identificara uma delas.

– Os sentidos se deliciam com a complexidade, surpresas ocultas... aqui, experimente outro. – Ele pegou um lenço limpo e o umedeceu com outro perfume.

Lillian cumpriu a tarefa com a mesma facilidade milagrosa.

– Bergamota... tuberosa... olíbano... – Ela hesitou, inalando de novo, deixando o delicioso aroma encher seus pulmões. Um sorriso de assombro surgiu em seus lábios. – E um toque de café.

– *Café?* – exclamou Daisy, inclinando a cabeça para o frasco. – Não há nenhum cheiro de café aí.

Lillian lançou um olhar questionador para Nettle e ele sorriu, confirmando o palpite dela.

– Sim, é café. – Ele balançou a cabeça com surpresa e admiração. – A senhorita tem um dom, Srta. Bowman.

Lillian deu de ombros e respondeu com ironia:

– Um dom pouco útil na procura de um marido. Que sorte ter um talento tão inútil! Eu me sairia melhor com uma bela voz ou grande beleza. Como minha mãe diz, é pouco educado uma dama gostar de cheirar coisas.

– Não em minha loja – respondeu Nettle.

Eles continuaram a discutir aromas do mesmo modo que outras pessoas

podiam falar sobre arte em um museu: os cheiros doces, úmidos e ativos de uma floresta após alguns dias de chuva; o de malte adocicado da brisa do mar; o intenso do bolor das trufas; o toque fresco e ácido de um céu cheio de neve. Perdendo rapidamente o interesse, Daisy foi até as prateleiras de cosméticos, abriu um pote de pó que a fez espirrar e escolheu uma lata de pastilhas que começou a mastigar ruidosamente.

No decorrer da conversa, Nettle ficou sabendo que o pai das garotas era dono de uma empresa em Nova York que produzia fragrâncias e sabonetes. Com visitas ocasionais ao laboratório e às fábricas da empresa, Lillian adquirira um conhecimento rudimentar de fragrâncias e misturas. Até mesmo ajudara a criar uma fragrância para um dos sabonetes de Bowman. Embora ela não tivesse recebido nenhum treinamento, era óbvio para Nettle que se tratava de um prodígio. Contudo, esse talento nunca seria desenvolvido, em razão de ela ser mulher.

– Srta. Bowman – disse ele –, tenho uma essência que gostaria de lhe mostrar. Pode fazer a gentileza de esperar aqui enquanto eu a busco nos fundos da loja?

Com sua curiosidade aguçada, Lillian assentiu e apoiou os cotovelos no balcão enquanto Nettle desaparecia atrás de um vão de porta coberto com uma cortina que levava ao depósito nos fundos. A sala era cheia de arquivos de fórmulas, armários com produtos de destilação, extratos, tinturas e prateleiras com utensílios, funis, recipientes para misturas e copos medidores – tudo o que era necessário para seu ofício. Na prateleira mais alta havia alguns volumes, envoltos em linho, de textos em grego e gaélico antigo sobre a arte da perfumaria. Um bom perfumista era um pouco alquimista, artista e mago.

Nettle subiu em uma escada de madeira, pegou uma pequena caixa de pinho na prateleira de cima e a trouxe para baixo. Voltou para a frente da loja e pôs a caixa sobre o balcão. As irmãs Bowmans observaram atentamente enquanto ele levantava a dobradiça de metal para revelar um pequeno frasco selado com linha e cera. Aqueles poucos mililitros de líquido quase incolor era a essência mais cara que Nettle já comprara.

Ele abriu o frasco, pingou uma gota preciosa em um lenço e o entregou a Lillian. A primeira inalação foi leve e suave, quase inócua. Mas, ao subir pelo nariz, a fragrância se tornou surpreendentemente voluptuosa e, muito depois de o efeito inicial desaparecer, uma certa nuance adocicada permaneceu.

Lillian o olhou por cima da ponta do lenço com claro assombro.

– O que é?

– Uma orquídea rara que só exala seu perfume à noite – respondeu Nettle.

– As pétalas são de um branco puro e mais delicadas até que as do jasmim. Não se pode obter a essência aquecendo as flores. Elas são muito frágeis.

– Enfloragem a frio? – murmurou Lillian, referindo-se ao processo de embeber as pétalas preciosas em camadas de gordura até que esta se sature da fragrância e depois, com um solvente à base de álcool, extrair a essência pura.

– Sim.

Ela cheirou novamente a refinada essência.

– Qual é o nome da orquídea?

– Dama-da-noite.

Aquilo fez Daisy dar uma risadinha de satisfação.

– Parece o título de um dos romances que minha mãe me proibiu de ler.

– Eu sugeriria usar em sua fórmula o aroma da orquídea em vez da lavanda – disse Nettle. – Talvez seja mais caro, mas na minha opinião é a nota de base perfeita, especialmente se desejar âmbar como fixador.

– Quanto custa? – perguntou Lillian, e quando Nettle disse o preço ela arregalou os olhos. – Meu Deus, isso é mais do que o peso do frasco em ouro.

Nettle ergueu ostensivamente o pequeno frasco para a luz, onde o líquido cintilou como um diamante.

– Infelizmente, a magia não é barata.

Lillian riu enquanto seu olhar seguia o frasco com um fascínio hipnótico.

– Magia – zombou.

– Esse perfume fará a magia acontecer – insistiu ele, sorrindo. – Vou acrescentar um ingrediente secreto para aumentar seus efeitos.

Encantada, mas claramente descrente, Lillian combinou com Nettle que voltaria mais tarde naquele dia para buscar o perfume. Pagou pela lata de pastilhas de Daisy assim como pelo perfume prometido e saiu com a irmã mais nova. Um olhar para o rosto de Daisy revelou que a imaginação da irmã, sempre facilmente despertada, corria solta com pensamentos sobre fórmulas mágicas e ingredientes secretos.

– Lillian... você *vai* me deixar experimentar um pouco daquele perfume mágico, não vai?

– Eu não divido tudo com você sempre?

– Não.

Lillian sorriu. Apesar da pretensa rivalidade e das ocasionais disputas entre as irmãs, elas eram as melhores e mais leais amigas. Poucas pessoas haviam amado Lillian além de Daisy, que adorava os cães vira-latas mais feios, as crianças mais irritantes e coisas que precisavam ser reparadas ou descartadas.

E ainda assim, apesar de toda a sua intimidade, eram muito diferentes. Daisy era idealista, sonhadora, uma criatura inconstante que alternava teimosia infantil e grande inteligência. Lillian sabia que era uma garota de língua afiada, com uma fortaleza erguida entre ela e o resto do mundo – uma garota com um ceticismo persistente e um senso de humor mordaz. Era extremamente leal ao seu pequeno círculo de amizades, sobretudo às autodenominadas Flores Secas, as garotas que tomaram chá de cadeira em todos os bailes e *soirées* da última temporada. Lillian, Daisy e suas amigas Annabelle Peyton e Evangeline Jenner tinham jurado ajudar umas as outras a encontrar maridos. Seus esforços resultaram no bem-sucedido encontro de Annabelle com o Sr. Simon Hunt fazia apenas dois meses. Lillian era a próxima da fila. Elas ainda não tinham uma ideia clara sobre quem iriam agarrar nem um plano sólido para consegui-lo.

– É claro que a deixarei experimentar o perfume – disse Lillian. – Embora só Deus saiba o que você espera disso.

– Fará um belo duque se apaixonar loucamente por mim, *claro* – respondeu Daisy.

– Você já notou como há poucos aristocratas jovens e bonitos? – perguntou Lillian, zombeteira. – Na maioria são enfadonhos, velhos ou têm o tipo de rosto que deveria trazer um anzol na boca.

Daisy abafou o riso e passou o braço pela cintura da irmã.

– Os cavalheiros certos estão por aí – disse ela. – E nós vamos encontrá-los.

– Por que tem tanta certeza disso? – perguntou Lillian, sarcástica.

Daisy deu um sorriso travesso.

– Porque a magia está do nosso lado.

CAPÍTULO 1

Stony Cross Park, Hampshire

— **O**s Bowmans chegaram – anunciou Lady Olivia Shaw da porta do escritório, onde seu irmão mais velho estava sentado à escrivaninha entre pilhas de livros de contabilidade.

O sol do entardecer entrava pelas longas janelas retangulares de vitral.

Marcus, lorde Westcliff, ergueu os olhos de seu trabalho com uma carranca que fez as sobrancelhas escuras se juntarem sobre seus olhos pretos como café.

– Que comece o caos – murmurou ele.

Livia riu.

– Imagino que esteja se referindo às filhas. Elas não são tão ruins assim, são?

– Piores – disse Marcus sucintamente, a careta se intensificando ao ver que a caneta temporariamente esquecida sobre o papel deixara uma grande mancha de tinta na antes imaculada fileira de números. – As duas jovens mais mal-educadas que já conheci. Principalmente a mais velha.

– Bem, elas são americanas – salientou Livia. – É justo sermos um pouco tolerantes com elas, não é? Não podemos esperar que conheçam cada complexo detalhe de nossa interminável lista de regras sociais...

– Eu posso ser tolerante em relação aos detalhes – interrompeu-a Marcus, em tom seco. – Como sabe, não sou do tipo que criticaria o ângulo do dedo mindinho da Srta. Bowman quando ela segura sua xícara de chá. O que não admito são certos comportamentos que seriam censuráveis em qualquer canto do mundo civilizado.

Comportamentos?, pensou Livia. Isso era interessante. Livia avançou um pouco mais para dentro do escritório, um cômodo do qual não gostava, porque a lembrava muito de seu falecido pai.

Nenhuma lembrança do oitavo Conde de Westcliff era boa. O pai fora um homem frio e cruel que parecia sugar todo o oxigênio do ambiente quando chegava. Tudo e todos em sua vida haviam desapontado o con-

de. De seus três filhos, apenas Marcus chegara perto de cumprir seus altos padrões, porque, independentemente das punições, das exigências impossíveis ou dos julgamentos injustos do conde, Marcus nunca se queixara.

Livia e a irmã dela, Aline, admiravam o irmão mais velho, cuja busca constante pela excelência o levava a obter as notas mais altas na escola, quebrar todos os recordes nos esportes escolhidos e ser muito mais crítico consigo mesmo do que qualquer outra pessoa poderia ter sido. Marcus era um homem que sabia montar a cavalo, dançar uma contradança de salão, dar uma palestra sobre teoria matemática, enfaixar um ferimento e consertar uma roda de carruagem. Contudo, nenhuma de suas muitas habilidades jamais merecera um elogio sequer do pai.

Olhando para trás, Livia percebia que provavelmente a intenção do velho conde era arrancar do filho qualquer vestígio de brandura ou compaixão. E, durante algum tempo, pareceu que tinha conseguido. Contudo, após a morte do pai, cinco anos antes, Marcus se revelara um homem muito diferente do que fora criado para ser. Livia e Aline tinham descoberto que o irmão mais velho nunca estava ocupado demais para ouvi-las e, por mais insignificantes que parecessem os problemas delas, ele estava sempre pronto a ajudar. Marcus era solidário, afetuoso e compreensivo – o que era um verdadeiro milagre, considerando-se que durante a maior parte de sua vida nenhuma dessas qualidades lhe fora mostrada.

Contudo, Marcus também era um pouco dominador. Bem... *muito* dominador. Em se tratando daqueles que amava, não hesitava em manipulá-los para fazerem o que ele considerava ser o melhor. Essa não era uma das qualidades mais agradáveis do irmão. E, se fosse se aprofundar nos defeitos dele, Livia também teria de admitir que Marcus tinha uma crença irritante na própria infalibilidade.

Sorrindo afetuosamente para seu carismático irmão, Livia se perguntou como podia adorá-lo tanto, já que ele se parecia muito com o pai. Marcus tinha as mesmas feições severas, testa larga e lábios longos e finos. O mesmo cabelo grosso e preto como um corvo; o mesmo nariz largo e pronunciado; e o mesmo queixo proeminente. A combinação era surpreendente, em vez de bonita, mas aquele era um rosto que atraía olhares femininos com facilidade. Ao contrário dos do pai, os olhos escuros e atentos de Marcus estavam sempre brilhando de alegria e ele tinha um sorriso raro, que fazia surgir um branco surpreendente no rosto moreno.

Reclinando-se em sua cadeira ao ver Livia se aproximar, Marcus cruzou as mãos sobre a barriga rígida. Em virtude do calor fora de época no início da tarde de setembro, Marcus havia tirado o casaco e enrolado as mangas da camisa, deixando à mostra antebraços morenos levemente cobertos de pelos pretos. Ele era de altura mediana e estava em excelente forma física, com o corpo de um ávido esportista.

Ansiosa por ouvir mais sobre os citados comportamentos da mal-educada Srta. Bowman, Livia se apoiou na beira da escrivaninha, de frente para o irmão.

– Gostaria de saber o que a Srta. Bowman fez para ofendê-lo tanto – refletiu ela em voz alta. – Diga-me, Marcus. Ou então minha imaginação, sem dúvida, me fará pensar em algo muito mais escandaloso do que a pobre Srta. Bowman é capaz de fazer.

– Pobre Srta. Bowman? – bufou Marcus. – Não me pergunte, Livia. Não me sinto à vontade para discutir isso.

Como a maioria dos homens, Marcus não parecia entender que *nada* atiçava mais as chamas da curiosidade feminina do que um assunto que alguém não se sentia à vontade para discutir.

– Desembuche, Marcus – ordenou ela. – Ou o farei sofrer de modos inenarráveis.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, zombeteiro.

– Como os Bowmans já chegaram, essa ameaça é redundante.

– Então vou tentar adivinhar. Você pegou a Srta. Bowman com alguém? Ela estava deixando um cavalheiro beijá-la... ou *pior*?

Marcus respondeu com um meio sorriso sarcástico.

– Dificilmente. Só de olhar para ela, qualquer homem em seu juízo perfeito gritaria e sairia correndo na direção oposta.

Começando a achar que seu irmão estava sendo duro demais com Lillian Bowman, Livia franziu a testa.

– Ela é uma garota muito bonita, Marcus.

– Uma fachada bonita não é o suficiente para compensar as falhas de caráter dela.

– Que são...?

Marcus emitiu um leve som de mofa, como se os defeitos da Srta. Bowman fossem óbvios demais para requerer enumeração.

– Ela é manipuladora.

– Você também é, querido.

Ele ignorou o comentário.

– Ela é dominadora.

– Como você.

– Ela é arrogante.

– Você também – disse Livia, alegre.

Marcus a olhou de cara feia.

– Achei que estivéssemos discutindo os defeitos da Srta. Bowman, não os meus.

– Vocês parecem ter muito em comum – declarou Livia com uma inocência um tanto exagerada. Ela o observou pousar a caneta, alinhando-a com os outros itens na escrivaninha. – Em relação ao comportamento inadequado dela, está dizendo que *não* a pegou em uma situação comprometedora?

– Não, eu não disse isso. Só disse que ela não estava com um cavalheiro.

– Marcus, não tenho tempo para isso – disse Livia, impaciente. – Preciso dar as boas-vindas aos Bowmans, e você também. Mas, antes de sairmos deste escritório, exijo que me diga o que ela fez de tão escandaloso!

– É ridículo demais para dizer.

– Ela estava cavalgando com uma perna de cada lado? Fumando um cigarro? Nadando nua em um lago?

– Não.

De mau humor, Marcus pegou um estereoscópio em um canto da escrivaninha, um presente de aniversário enviado por sua irmã, Aline, que agora morava com o marido em Nova York. O estereoscópio era uma invenção recente, feito com madeira de bordo e vidro. Quando um cartão estereoscópico – um par de fotografias – era preso atrás das lentes, as fotografias apareciam como uma imagem tridimensional. A profundidade e os detalhes eram surpreendentes... os galhos de uma árvore pareciam que iam arranhar o nariz do observador e uma fenda de montanha se abria com tal realismo que você tinha a impressão de que poderia cair para a morte a qualquer momento. Levando o estereoscópio aos olhos, Marcus examinou a imagem do Coliseu de Roma com exagerada concentração.

No momento em que Livia estava prestes a explodir de impaciência, ele murmurou:

– Eu vi a Srta. Bowman jogando *rounders* em roupas de baixo.

Livia o olhou sem entender.

– *Rounders*? Está se referindo ao jogo com bola de couro e taco achatado? Marcus franziu os lábios, impaciente.

– Foi na última vez que ela veio nos visitar. A Srta. Bowman e a irmã estavam se divertindo com as amigas em um prado no quadrante noroeste da propriedade quando Simont Hunt e eu passamos a cavalo por acaso. As quatro garotas usavam apenas roupas de baixo. Alegaram que era difícil jogar com as saias pesadas. Acredito que teriam arranjado qualquer desculpa para correr por aí seminuas. As irmãs Bowmans colocam a diversão acima do decoro.

Livia tinha posto a mão na boca em uma tentativa não muito bem-sucedida de conter um ataque de riso.

– Não acredito que você não mencionou isso antes!

– Eu gostaria de poder esquecer – respondeu Marcus, carrancudo, abaixando o estereoscópio. – Só Deus sabe como vou encarar Thomas Bowman com a lembrança da filha dele despida ainda fresca em minha mente.

O divertimento de Livia se prolongou enquanto ela contemplava as linhas bem definidas do perfil do irmão. Não pôde deixar de notar que Marcus dissera “filha”, não “filhas” – o que deixava claro que ele mal tinha notado a mais nova. Fora em Lillian que prestara atenção.

Conhecendo bem o irmão, Livia teria esperado que ele achasse graça do incidente. Embora Marcus tivesse um forte senso moral, estava longe de ser um puritano e tinha um senso de humor apurado. Apesar de ele nunca ter tido uma amante, Livia ouvira boatos sobre alguns casos amorosos discretos – e até mesmo um ou dois sobre o conde moralista ser bem ousado no quarto. Mas, por algum motivo, seu irmão estava perturbado com essa garota americana audaz, de modos não refinados e família pouco tradicional. Livia se perguntou se a atração dos Marsdens por americanos – afinal, Aline se casara com um e ela mesma acabara de se casar com Giedon Shaw, dos Shaws de Nova York – também era compartilhada por Marcus.

– Ela estava terrivelmente encantadora em roupas de baixo?

– Sim – disse Marcus sem pensar, e depois fechou a cara. – Quero dizer, *não*. Isto é, não a olhei por tempo suficiente para avaliar seus encantos. Se é que ela tem algum.

Livia mordeu o lábio inferior para conter o riso.

– Ora, vamos, Marcus... você é um homem saudável de 35 anos, e não deu nenhuma espiada na Srta. Bowman em pé lá de calçolas?

– Eu não espio, Livia. Ou dou uma boa olhada em algo ou não olho. Espiar é coisa de crianças ou depravados.

Ela lhe lançou um olhar lastimoso.

– Bem, sinto muito por você ter tido de passar por uma experiência tão difícil. Só podemos esperar que a Srta. Bowman permaneça vestida em sua presença durante esta visita, para evitar chocar novamente sua sensibilidade refinada.

Marcus franziu as sobrancelhas em resposta à ironia.

– Duvido que o faça.

– Que ela fique vestida ou que o choque?

– *Já chega*, Livia – resmungou Marcus, e ela deu uma risadinha.

– Venha, vamos dar as boas-vindas aos Bowmans.

– Não tenho tempo para isso – disse ele bruscamente. – Vá você e invente uma desculpa para mim.

Livia o olhou, atônita.

– Você não vai... Ah, mas Marcus, você deve! Nunca o vi ser grosseiro.

– Vou corrigir isso mais tarde. Pelo amor de Deus, eles vão ficar aqui por quase um mês. Terei muitas oportunidades de me retratar. Mas falar sobre aquela garota Bowman me deixou de péssimo humor, e neste momento a ideia de estar na mesma sala que ela me irrita.

Balançando de leve a cabeça, Livia o olhou de um modo especulativo de que o irmão não gostou nem um pouco.

– Hum. Eu o tenho visto interagir com pessoas de quem não gosta e você sempre consegue ser gentil, sobretudo quando quer algo delas. Mas, por algum motivo, a Srta. Bowman o provoca excessivamente. Eu tenho uma teoria sobre o porquê.

– Qual é? – Um desafio sutil iluminou os olhos dele.

– Ainda a estou desenvolvendo. Eu lhe direi quando chegar a uma conclusão definitiva.

– Deus me ajude. Apenas vá, Livia, e dê as boas-vindas aos hóspedes.

– Enquanto você se entoca neste escritório como uma raposa corre para um buraco no chão?

Marcus se levantou e fez um gesto para que ela passasse pela porta antes dele.

– Vou sair pelos fundos da casa e depois dar uma longa cavalgada.

– Por quanto tempo ficará ausente?

– Voltarei a tempo de me trocar para o jantar.

Livia deu um suspiro exasperado. O jantar daquela noite seria muito concorrido. Era o prelúdio do primeiro dia oficial da festa que começaria a pleno vapor no dia seguinte. A maioria dos convidados já estava lá e alguns retardatários chegariam em breve.

– É melhor não se atrasar – preveniu-o. – Quando concordei em agir como sua anfitriã, não foi prometendo que cuidaria de tudo sozinha.

– Eu nunca me atraso – respondeu Marcus com calma, e saiu a passos largos com a ansiedade de um homem subitamente salvo da força.

CAPÍTULO 2

Marcus se afastou da mansão conduzindo seu cavalo pelo caminho muito percorrido na floresta depois dos jardins. Assim que atravessou uma área baixa e subiu para o outro lado, deixou-se levar pelo animal em um ruidoso galope pelos campos de ulmária e sobre a relva ressecada pelo sol. Stony Cross Park tinha os melhores acres de Hampshire, com densas florestas, prados floridos, brejos e vastos campos dourados. Antiga área de caça reservada à realeza, a propriedade era agora um dos lugares mais visitados da Inglaterra.

O fluxo relativamente constante de convidados na propriedade era conveniente aos objetivos de Marcus, pois lhe oferecia companhia para as caçadas e os esportes que adorava e lhe permitia fazer algumas manobras políticas e financeiras. Todos os tipos de negócios eram feitos nas festas, quando Marcus costumava persuadir políticos ou homens de negócios a apoiá-lo em questões importantes.

Essa festa não seria diferente de nenhuma outra, mas nos últimos dias Marcus vinha sendo atormentado por um crescente desconforto. Sendo um homem extremamente racional, não acreditava em premonições ou em nenhuma das bobagens espiritualistas da moda... mas parecia que algo na atmosfera de Stony Cross Park mudara. O ar estava carregado de tensão e expectativa, como a calma vibrante que antecede uma tempes-

tade. Marcus estava inquieto e impaciente, e nenhum esforço físico, por maior que fosse, diminuía sua inquietação.

Contemplando a noite que se aproximava e o fato de que teria de ser amigável com os Bowmans, Marcus sentiu seu desconforto aumentar e chegar perto da ansiedade. Lamentava tê-los convidado. Na verdade, renunciaria de bom grado a qualquer possível negócio com Thomas Bowman se isso lhe permitisse se livrar deles. Mas, já que estavam ali e ficariam por quase um mês, tiraria o máximo proveito disso.

Marcus pretendia se lançar efetivamente em uma negociação com Thomas Bowman para a expansão de sua saboaria e o estabelecimento de um centro de produção em Liverpool ou em Bristol. A isenção de impostos sobre o sabão na Inglaterra nos próximos anos era quase certa, se é que Marcus podia confiar em seus aliados liberais no Parlamento. Quando isso acontecesse, o sabão se tornaria muito mais acessível às pessoas comuns, o que seria bom para a saúde pública e também para a conta bancária de Marcus, se Bowman estivesse disposto a aceitá-lo como sócio.

Contudo, não havia como negar que uma visita de Thomas Bowman significava aturar a presença das filhas dele. Lillian e Daisy eram a personificação da condenável tendência das herdeiras americanas a ir para a Inglaterra a fim de caçar maridos. A aristocracia estava sendo assediada por senhoritas ambiciosas que falavam sem parar sobre si mesmas com seus sotaques horríveis e buscavam publicidade constante nos jornais. Mulheres sem graça, espalhafatosas e arrogantes que tentavam comprar um aristocrata com o dinheiro dos pais... e frequentemente conseguiam.

Marcus havia conhecido as irmãs Bowmans em sua última visita a Stony Cross Park, e não encontrara muitos motivos para elogiá-las. A mais velha, Lillian, tornara-se um alvo particular de sua aversão quando ela e as amigas – as autodenominadas Flores Secas (como se isso fosse motivo de orgulho!) – traçaram um plano para fazer um aristocrata se casar. Marcus nunca havia se esquecido do momento em que o plano fora revelado.

– Meu Deus, não há nada que a senhorita não se preste a fazer? – perguntara a Lillian.

E ela respondera audaciosamente:

– Se há, ainda não descobri.

A extraordinária insolência de Lillian a tornava diferente de todas as mulheres que Marcus já conhecera. Isso e o *rounders* que elas tinham

jogado em roupas íntimas o convenceram de que Lillian Bowman era um demônio. E quando ele fazia um julgamento sobre alguém, raramente mudava de opinião.

Marcus franziu as sobrancelhas, pensando na melhor maneira de lidar com Lillian. Ele agiria de modo frio e distante independentemente de qual fosse a provocação dela. Sem dúvida, a enfureceria ver quão pouco o afetava. Imaginando a irritação de Lillian ao ser ignorada, sentiu o aperto em seu peito diminuir. Sim... faria o possível para evitá-la e, quando as circunstâncias o forçassem a estar no mesmo ambiente que ela, a trataria com polida frieza. Com suas feições se desanuviando, conduziu o cavalo em uma série de saltos fáceis: uma sebe, uma cerca e um estreito muro de pedra – cavaleiro e animal trabalhando juntos em perfeita sintonia.



– Agora, meninas – disse a Sra. Mercedes Bowman olhando severamente para as filhas à porta do quarto delas –, insisto em que durmam por pelo menos duas horas, para que estejam bem-dispostas à noite. Os jantares de lorde Westcliff costumam começar tarde e se estender até a meia-noite, e não quero nenhuma de vocês bocejando à mesa.

– Sim, mãe – disseram ambas obedientemente, com expressões inocentes que não enganavam a mãe nem um pouco.

A Sra. Bowman era uma mulher muito ambiciosa, com energia em excesso. Seu corpo magro como um fuso teria feito um lebréu parecer gorducho. Seu tagarelar ansioso e estridente em geral visava atingir seu principal objetivo na vida: ver suas duas filhas muito bem casadas.

– Em nenhuma circunstância vocês devem sair deste quarto – prosseguiu ela, severa. – Nada de escapadas para passear pela propriedade de lorde Westcliff, nada de aventuras, complicações ou qualquer tipo de incidente. Na verdade, pretendo trancar a porta para garantir que ficarão seguras aqui e *descansarão*.

– Mãe – protestou Lillian –, se houver um lugar mais enfadonho no mundo civilizado do que Stony Cross, comerei meus sapatos. Em que tipo de encrenca poderíamos nos meter?

– Vocês arranjam problemas do nada – disse Mercedes com os olhos semicerrados. – É por isso que vou supervisioná-las de perto. Depois do

modo que se comportaram na última vez que estivemos aqui, estou surpresa por termos sido convidados outra vez.

– Eu não – rebateu Lillian em tom seco. – Todos sabem que estamos aqui porque Westcliff está de olho na empresa do papai.

– *Lorde* Westcliff – corrigiu-a Mercedes. – Lillian, você deve se referir a ele com respeito! É o aristocrata mais rico da Inglaterra, com uma linhagem...

– Mais antiga que a da rainha – interrompeu-a Daisy em tom monótono, tendo ouvido essa conversa em muitas ocasiões. – E tem o título mais antigo da Grã-Bretanha, o que o torna...

– O solteiro mais cobiçado da Europa – completou Lillian, seca, erguendo as sobrancelhas em sinal de zombaria. – Talvez de todo o *mundo*. Mãe, se acha mesmo que Westcliff pode se casar com uma de nós, você é lunática.

– Ela não é lunática – disse Daisy para a irmã. – É nova-iorquina.

Havia cada vez mais pessoas como os Bowmans em Nova York – novos-ricos que não conseguiam se misturar com os nova-iorquinos conservadores ou a nata da sociedade. Essas famílias tinham feito fortuna em indústrias como a manufatureira ou a mineradora, e ainda assim não conseguiam ser aceitas nos círculos a que tanto aspiravam. A solidão e o constrangimento de serem rejeitados pela sociedade nova-iorquina aumentaram as ambições de Mercedes como nada mais teria feito.

– Faremos *lorde* Westcliff se esquecer do péssimo comportamento de vocês em nossa última visita – disse-lhes Mercedes, de cara feia. – Vocês se comportarão com modéstia, serenidade e decoro o tempo todo. E chega dessa história de Flores Secas. Quero que fiquem longe daquela escandalosa Annabelle Peyton e daquela outra...

– Evie Jenner – disse Daisy. – E agora ela é Annabelle Hunt, mãe.

– Annabelle se casou com o melhor amigo de Westcliff – ressaltou Lillian. – Acho que esse é um ótimo motivo para continuarmos a vê-la, mãe.

– Vou pensar a respeito. – Mercedes as olhou com desconfiança. – Por enquanto, quero que tirem um longo e tranquilo cochilo. Não quero ouvir nenhum som de vocês, estão entendendo?

– Sim, mãe – responderam as duas em coro.

A porta se fechou e, do lado de fora, a chave girou firmemente na fechadura. As irmãs se entreolharam, sorrindo.

– Ainda bem que ela nunca descobriu sobre nosso jogo de *rounders* – disse Lillian.

– Se tivesse descoberto, estaríamos mortas – concordou Daisy, séria.

Lillian tirou um grampo de uma pequena caixa esmaltada sobre a penteadeira e se dirigiu à porta.

– É uma pena que ela fique tão aborrecida com coisas bobas, não é?

– Como naquela vez que pusemos o leitão sujo de graxa no salão da Sra. Astor.

Sorrindo diante da lembrança, Lillian se ajoelhou na frente da porta e enfiou o grampo na fechadura.

– Sabe, sempre me perguntei por que nossa mãe não gostou de termos feito isso em defesa dela. *Alguma coisa* tinha de ser feita depois que a Sra. Astor não convidou nossa mãe para sua festa.

– Acho que, na opinião de mamãe, pôr animais na casa de alguém não nos faria merecer convites para futuras festas.

– Bem, acho que isso não foi tão ruim quanto naquela vez que soltamos fogos de artifício naquela loja na Quinta Avenida.

– Mas fomos obrigadas, depois de aquele vendedor ter sido tão grosseiro.

Lillian retirou o grampo, entortou-o habilmente e o reintroduziu na fechadura. Apertando os olhos com o esforço, moveu-o até ouvir um clique e depois olhou para Daisy com um sorriso de triunfo.

– Acho que foi a vez que fiz isso mais rápido.

Mas a irmã caçula não retribuiu o sorriso.

– Lillian... se você encontrar um marido este ano... tudo vai mudar. Você vai mudar. Não haverá mais aventuras ou diversão, e ficarei sozinha.

– Não seja boba – disse Lillian franzindo a testa. – Não vou mudar e você não ficará sozinha.

– Você terá um marido a quem dar satisfações – ressaltou Daisy. – E ele não vai deixá-la se envolver em nenhuma travessura comigo.

– Não, não, não... – Lillian se aprumou e rejeitou aquela ideia com um gesto. – Não vou ter esse tipo de marido. Vou me casar com um homem que não notará ou não se importará com o que faço quando estou longe dele. Um homem como o papai.

– Um homem como o papai não parece ter feito nossa mãe muito feliz – disse Daisy. – Eu me pergunto se um dia eles já estiveram apaixonados.

Lillian encostou na porta e franziu a testa enquanto pensava no assunto. Nunca lhe ocorrera se perguntar se os pais tinham se casado por amor. Por algum motivo achava que não. Ambos pareciam muito contidos. O

relacionamento deles era, na melhor das hipóteses, um laço insignificante. Pelo que Lillian sabia, eles quase nunca brigavam, nunca se abraçavam e raramente se falavam. E ainda assim parecia não haver amargura entre eles. Em vez disso, eram indiferentes um ao outro, sem demonstrar desejo ou mesmo a capacidade de ser felizes.

– O amor é para os romances, querida – disse Lillian, fazendo o possível para parecer cética. Abrindo a porta, olhou para os dois lados do corredor e depois de volta para Daisy. – Vazio. Devemos sair pela porta de serviço?

– Sim, e depois ir para a ala oeste da mansão e a floresta.

– Por que a floresta?

– Você se lembra do favor que Annabelle me pediu?

Lillian a olhou sem compreender por um momento, mas depois revirou os olhos.

– Meu Deus, Daisy, você não consegue pensar em nada melhor do que cumprir uma missão ridícula como essa?

A irmã mais nova lhe lançou um olhar astuto.

– Você só não quer fazer isso porque é para o bem de lorde Westcliff.

– Isso não vai beneficiar *ninguém* – respondeu Lillian, exasperada. – É uma missão boba.

Com o olhar decidido, Daisy respondeu:

– Vou encontrar o poço dos desejos de Stony Cross e fazer o que Annabelle me pediu. Você pode me acompanhar, se quiser, ou fazer outra coisa sozinha. Mas – seus olhos amendoados se estreitaram ameaçadoramente –, depois de todo o tempo que me fez esperar enquanto entrava em perfumarias e farmácias antigas e empoeiradas, acho que me deve apenas um pouco de paciência...

– Está bem – resmungou Lillian. – Vou com você. Se eu não for, você nunca encontrará o poço e acabará perdida no meio da floresta.

Olhando outra vez para o corredor e se certificando de que continuava vazio, Lillian tomou a dianteira na direção da porta de serviço no final dele. As irmãs andaram nas pontas dos pés com treinado cuidado, seus passos silenciosos no grosso tapete.

Por mais que Lillian detestasse o dono de Stony Cross Park, tinha que admitir que a propriedade era esplêndida. A casa era de estilo europeu, uma elegante fortaleza construída com pedra cor de mel e em cujas ex-

tremidades havia quatro torres pitorescas que se projetavam para o céu. Situada em uma colina com vista para o rio Itchen, a mansão era cercada de jardins em terraços e pomares que desembocavam em duzentos hectares de parque e floresta. Quinze gerações da família de Westcliff, os Marsdens, tinham vivido ali, conforme qualquer dos criados se apressava em falar. E isso estava longe de representar toda a fortuna de lorde Westcliff. Dizia-se que quase 200 mil acres da Inglaterra e da Escócia estavam sob seu controle direto, e entre suas propriedades havia dois castelos, três mansões, uma série de casas no mesmo estilo denominada Mardens Terrace, mais cinco casas e uma vila à beira do Tâmis. Mas Stony Cross Park era, sem dúvida, a joia da coroa da família Marsden.

Contornando a lateral da mansão, as irmãs tiveram o cuidado de se manter junto a uma sebe de teixos que as ocultava da vista daqueles que estavam na casa principal. Quando entraram na floresta de cedros e carvalhos antigos, a luz brilhante do sol se infiltrava por entre o dossel de galhos entrelaçados.

Animada, Daisy ergueu os braços e exclamou:

– Ah, eu adoro este lugar!

– É passável – disse Lillian de má vontade, embora no fundo tivesse de admitir que naquele início de outono em plena floração era difícil haver lugar mais bonito na Inglaterra.

Daisy subiu em um tronco que alguém tirara do caminho e andou cuidadosamente sobre ele.

– Para ser dona de Stony Cross Park quase valeria a pena se casar com lorde Westcliff, não acha?

Lillian arqueou as sobrancelhas.

– E ter de suportar todos os seus discursos pomposos e obedecer às suas ordens? – Ela fez uma careta, franzindo o nariz em desagrado.

– Annabelle disse que lorde Westcliff é muito mais agradável do que ela pensava.

– Annabelle *tinha* de dizer isso depois do que aconteceu algumas semanas atrás.

As irmãs ficaram em silêncio, ambas refletindo sobre os acontecimentos dramáticos recentes. Quando Annabelle e o marido, Simon Hunt, estavam visitando a fábrica de locomotivas que possuíam em sociedade com lorde Westcliff, uma explosão horrível quase pusera fim a suas vidas. Lorde

Westcliff se precipitou para o prédio em uma missão quase suicida para salvá-los e os tirou de lá vivos. Era compreensível que Annabelle agora visse Westcliff como um herói e que tivesse dito que considerava a arrogância dele, de certa forma, encantadora. Lillian respondera em tom azedo que Annabelle ainda devia estar sofrendo os efeitos colaterais da inalação de fumaça.

– Acho que devemos ser gratas a lorde Westcliff – observou Daisy, saltando do tronco. – Afinal de contas, ele salvou a vida de Annabelle e não temos um grupo muito grande de amigas.

– Salvar Annabelle foi uma circunstância – disse Lillian, irritada. – O único motivo de Westcliff ter arriscado a vida foi por não querer perder um sócio lucrativo.

– Lillian! – Daisy, que estava alguns passos à frente, se virou, surpresa, para a irmã. – Não é típico de você ser tão pouco caridosa. Pelo amor de Deus, o conde entrou em um prédio em chamas para salvar nossa amiga e o marido dela... o que mais um homem tem de fazer para impressioná-la?

– Estou certa de que Westcliff não está nem um pouco interessado em me impressionar – disse Lillian. Ouvindo o tom zangado na própria voz, ela estremeceu, mas mesmo assim continuou: – O motivo de eu detestá-lo tanto, Daisy, é que ele obviamente *me* detesta. Considera-se superior a mim de todos os modos possíveis: moral, social e intelectualmente... Ah, como eu queria encontrar um meio de deixá-lo chocado!

Elas caminharam em silêncio por um minuto e depois Daisy parou para colher algumas violetas que cresciam em densos tufos à beira do caminho.

– Você já pensou em tentar ser gentil com lorde Westcliff? – murmurou ela. Estendendo o braço para prender as violetas na guirlanda em seus cabelos, acrescentou: – Ele poderia surpreendê-la sendo gentil também.

Lillian balançou a cabeça, de mau humor.

– Não, provavelmente ele diria algo sarcástico e depois pareceria muito presunçoso e satisfeito consigo mesmo.

– Acho que você está sendo muito... – começou Daisy, e depois parou com uma expressão absorta. – Ouvi um som de água jorrando. O poço dos desejos deve estar perto!

– Ah, graças a Deus – disse Lillian com um sorriso relutante enquanto seguia a irmã mais nova que estava correndo por uma área baixa ao lado de um prado encharcado.

O prado lamacento estava repleto de ásteres azuis e roxos, ciperáceas com suas flores eriçadas e varas-de-ouro farfalhantes. Perto da estrada havia uma densa moita de erva-de-são-joão com flores amarelas que pareciam gotas de luz solar. Deleitando-se com o aprazível ambiente, Lillian diminuiu o ritmo e respirou fundo. Ao se aproximar do agitado poço dos desejos, que era um buraco no chão alimentado por uma fonte, o ar se tornou mais suave e úmido.

No início do verão, quando as Flores Secas tinham ido ao poço dos desejos, cada uma atirara um alfinete em suas profundezas borbulhantes, seguindo a tradição local. E Daisy fizera um pedido misterioso para Annabelle, que mais tarde fora atendido.

– Aqui está – disse Daisy tirando do bolso um pedaço de metal fino como uma agulha. Era a lasca de metal que Annabelle havia tirado do ombro de Westcliff quando a explosão lançara pedaços de metal como uma arma. Mesmo Lillian, que não tendia a sentir nenhuma compaixão por Westcliff, estremeceu à visão da horrível lasca. – Annabelle me disse para atirar isto no poço e fazer para lorde Westcliff o mesmo pedido que fiz para ela.

– Qual foi o pedido? – perguntou Lillian. – Você nunca me contou.

Daisy a olhou com um sorriso zombeteiro.

– Não é óbvio, querida? Pedi que Annabelle se casasse com alguém que a amasse de verdade.

– Ah.

Pensando no que sabia sobre o casamento de Annabelle e na óbvia devoção entre o casal, Lillian supôs que o pedido tivesse sido atendido. Ela olhou para Daisy com carinho e exasperação e recuou para observar os procedimentos.

– Lillian – protestou a irmã –, você deve ficar aqui comigo. É mais provável que o espírito do poço atenda ao pedido se nós duas nos concentrarmos nele.

Um riso baixo escapou da garganta de Lillian.

– Você não acredita mesmo que exista um espírito do poço, não é? Meu Deus, como se tornou tão supersticiosa?

– Vindo de alguém que acabou de comprar um frasco de perfume mágico...

– Nunca achei que fosse mágico. Só gostei do cheiro!

– Lillian – repreendeu-a Daisy de brincadeira –, que mal há em admitir essa possibilidade? Eu me recuso a acreditar que passaremos a vida sem

que *algo* mágico aconteça. Agora, faça um pedido para lorde Westcliff. É o mínimo que podemos fazer depois de ele ter salvado nossa querida Annabelle do incêndio.

– Ah, está bem. Vou ficar perto de você, mas só para impedi-la de cair no poço. – Aproximando-se da irmã, passou um braço ao redor dos ombros estreitos dela e olhou para a água lamacenta e murmurante.

Daisy fechou os olhos com força e apertou com os dedos a lasca de metal.

– Estou pedindo de todo o coração – sussurrou ela. – Você está, Lillian?

– Sim – murmurou Lillian, embora não estivesse exatamente pedindo que lorde Westcliff encontrasse o amor verdadeiro.

Seu pedido seguia mais a linha *que lorde Westcliff encontre uma mulher que o faça cair de joelhos*. O pensamento fez um sorriso satisfeito curvar seus lábios e ela continuou a sorrir enquanto Daisy atirava no poço a lasca de metal, que desceu às suas infinitas profundezas.

Limpando as mãos uma na outra, Daisy deu as costas para o poço, satisfeita.

– Está feito – disse, radiante. – Mal posso esperar para ver com quem Westcliff vai ficar.

– Sinto pena da pobre moça – respondeu Lillian. – Seja ela quem for.

Daisy apontou com a cabeça na direção da mansão.

– Vamos voltar para casa?

A conversa logo se transformou em uma sessão de planejamento estratégico em que discutiram uma ideia que Annabelle havia mencionado na última vez que haviam conversado. As irmãs Bowmans precisavam desesperadamente de um padrinho para apresentá-las às altas camadas da sociedade inglesa... e não só um padrinho. Tinha de ser alguém poderoso, influente e famoso. Alguém cujo endosso seria aceito pelo restante da aristocracia. Segundo Annabelle, não havia ninguém melhor para isso do que a condessa de Westcliff, a mãe do conde.

A condessa, que parecia gostar de viajar pelo continente, quase nunca era vista. Mesmo quando estava em Stony Cross, preferia não se misturar com os convidados, desprezando o hábito de seu filho de fazer amizade com homens de negócios e outros plebeus. Nenhuma das irmãs Bowmans a conhecia, mas tinham ouvido falar muito dela. Segundo os boatos, a condessa era um dragão velho que desprezava estrangeiros. Sobretudo americanos.

– Só não entendo por que Annabelle acha que há alguma chance de a condessa nos amadrinhar – disse Daisy, chutando repetidas vezes uma pe-

quena pedra enquanto andavam. – Com certeza, ela nunca fará isso de vontade própria.

– Fará se Westcliff lhe disser para fazer – respondeu Lillian. Ela pegou um galho comprido e o balançou distraidamente. – Ao que parece, a condessa pode ser convencida a fazer o que Westcliff pedir. Annabelle me disse que a condessa não aprovava o casamento de Lady Olivia com o Sr. Shaw e não tinha nenhuma intenção de comparecer à cerimônia. Mas Westcliff sabia que isso feriria os sentimentos da irmã e então obrigou a mãe a ir e a agir de modo civilizado.

– Sério? – Daisy olhou de relance para a irmã com um meio sorriso de curiosidade. – Como ele conseguiu?

– Sendo o chefe da casa. Nos Estados Unidos, a mulher é quem governa o lar, mas na Inglaterra tudo gira em torno do homem.

– Hum. Não gosto muito disso.

– Sim, eu sei. – Lillian fez uma pausa antes de acrescentar sombriamente: – Segundo Annabelle, o marido inglês tem de aprovar os cardápios, a disposição dos móveis, a cor das cortinas... *tudo*.

Daisy pareceu surpresa e horrorizada.

– O Sr. Hunt se importa com essas coisas?

– Bem, não. Ele não é um aristocrata. É um homem de negócios. E homens de negócios não costumam ter tempo para essas trivialidades. Mas em geral os aristocratas têm muito tempo para examinar todas as pequenas coisas que acontecem na casa.

Parando de chutar a pedra, Daisy franziu a testa e olhou para Lillian.

– Eu tenho me perguntado... Por que estamos tão decididas a nos casar com um aristocrata, morar em uma casa antiga e enorme, caindo aos pedaços, comer comida inglesa nojenta e tentar dar instruções para criados que não têm absolutamente nenhum respeito por nós?

– Porque é o que nossa mãe deseja – respondeu Lillian, seca. – E porque ninguém em Nova York se casaria conosco.

Era uma pena que, na altamente distintiva sociedade nova-iorquina, fosse bastante simples para homens com fortunas recém-adquiridas arranjar bons casamentos. Mas herdeiras com linhagens plebeias não eram desejadas nem pelos homens de sangue azul nem pelos novos-ricos em busca de ascensão social. Por isso a única solução era caçar maridos na Europa, onde homens da classe alta precisavam de esposas ricas.

As sobranceiras franzidas de Daisy deram lugar a um sorriso irônico.

– E se ninguém nos quiser aqui também?

– Então nos tornaremos duas velhas solteironas terríveis e nos divertiremos em viagens pela Europa.

Daisy riu diante dessa ideia e atirou sua longa trança para trás. Era impróprio duas jovens da idade delas passearem sem chapéu, ainda mais com os cabelos soltos. Contudo, as irmãs Bowmans tinham cachos escuros tão pesados que era difícil prendê-los nos elaborados penteados da moda. Era preciso pelo menos três conjuntos de grampos para cada uma, e o couro cabeludo sensível de Lillian doía após todo o puxar e torcer exigido para tornar seus cabelos apresentáveis para um evento formal. Mais de uma vez ela havia invejado Annabelle Hunt, cujos cachos leves e sedosos sempre pareciam se comportar exatamente como ela desejava. Naquele momento, Lillian estava com os cabelos amarrados na nuca e caindo soltos nas costas em um estilo que nunca seria permitido em público.

– Como vamos convencer Westcliff a fazer a mãe agir como nossa madrinha? – perguntou Daisy. – Parece muito improvável que ele concorde com uma coisa dessas.

Lillian esticou o braço para trás, atirou o galho para longe na floresta e esfregou as palmas das mãos para retirar as partículas de casca.

– Não tenho a menor ideia – admitiu. – Annabelle tentou fazer o Sr. Hunt interceder a nosso favor junto a Westcliff, mas ele se recusou, dizendo que isso seria abusar de sua amizade.

– Se ao menos pudéssemos obrigar Westcliff a fazer isso... – refletiu Daisy. – Enganá-lo ou chantageá-lo de alguma maneira...

– Só se pode chantagear um homem se ele fez algo vergonhoso que quer esconder. E duvido que aquele indigesto, enfadonho e velho Westcliff tenha feito algo pelo qual possa ser chantageado.

Daisy riu com essa descrição.

– Ele não é indigesto, enfadonho, nem tão velho assim!

– Mãe disse que ele tem no mínimo 35 anos. Eu diria que isso é bastante velho, não acha?

– Aposto que a maioria dos homens na casa dos 20 não está nem de longe em tão boa forma física quanto Westcliff.

Sempre que Westcliff se tornava o tema da conversa, Lillian ficava de mau humor, não muito diferente de como ficava na infância, quando seus

irmãos atiravam sua boneca favorita de um lado para outro por cima de sua cabeça e ela chorava para que a devolvessem. Por que qualquer menção ao conde a afetava dessa maneira era uma pergunta para a qual não havia resposta. Ela rejeitou o comentário de Daisy com um dar de ombros irritado.

Quando elas se aproximaram da casa, ouviram gritos distantes seguidos de sons alegres como os de garotos brincando.

– O que é isso? – perguntou Lillian, olhando na direção dos estábulos.

– Não sei, mas parece que alguém está se divertindo muito. Vamos ver.

– Não temos muito tempo. Se mamãe descobrir que nós saímos...

– Vamos ser rápidas. Ah, por favor, Lillian.

Enquanto elas hesitavam, mais alguns gritos e risadas vieram da direção do pátio dos estábulos, contrastando tanto com o cenário tranquilo ao seu redor que a curiosidade venceu Lillian. Ela sorriu impulsivamente para Daisy.

– Vamos dar uma corrida até lá – disse ela e disparou.

Daisy ergueu as saias e correu atrás da irmã. Embora as pernas de Daisy fossem muito mais curtas que as de Lillian, ela era leve e ágil como um elfo e tinha quase alcançado a irmã quando chegaram ao pátio dos estábulos. Ofegando um pouco pelo esforço de correr em uma longa subida, Lillian contornou a bonita cerca de um padoque e viu um grupo de quatro garotos entre 12 e 16 anos jogando no pequeno campo logo à frente. Suas roupas os identificavam como cavaleiros. Eles tinham deixado as botas ao lado do padoque e corriam descalços.

– Você está *vendo*? – perguntou Daisy, ansiosa.

Olhando para o grupo, Lillian viu um deles brandindo no ar um longo taco de madeira de salgueiro e riu, encantada.

– Eles estão jogando *rounders*!

Embora o jogo – que exigia um taco, uma bola e quatro bases dispostas como um diamante – fosse popular tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, tinha despertado um interesse obsessivo em Nova York. Garotos e garotas de todas as classes sociais o jogavam, e Lillian se lembrou com saudade de muitos piqueniques seguidos de uma tarde de partidas de *rounders*. Ela sentiu uma cálida nostalgia ao observar um cavaleiro rodear as bases. Estava claro que aquele campo costumava ser usado para esse fim, porque os postes tinham sido fincados profundamente no chão, e nas áreas pisadas entre eles a grama dera lugar à terra. Lillian reconheceu um dos jo-

gadores como o rapaz que lhe emprestara o taco para a malfadada partida de *rounders* com as Flores Secas dois meses antes.

– Você acha que eles nos deixariam jogar? – perguntou Daisy, esperançosa. – Só uns minutinhos?

– Não vejo por que não. Aquele garoto ruivo foi quem nos emprestou o taco. Acho que se chama Arthur...

Naquele momento foi lançada uma bola baixa e rápida para o rebatedor, que fez um ágil movimento de balanço em um curto arco. O lado achatado do taco bateu com força na bola de couro, que quicou e veio na direção delas em uma jogada que em Nova York chamavam de “gafanhoto”. Correndo para a frente, Lillian pegou a bola com as mãos nuas e a lançou habilmente para o garoto na primeira base. Ele a pegou por instinto, olhando, surpreso, para Lillian. Quando os outros garotos notaram as duas jovens ao lado do padoque, pararam sem saber como agir.

Lillian avançou, olhando para o garoto ruivo.

– Arthur? Você se lembra de mim? Estive aqui em junho. Você nos emprestou o taco.

A expressão de surpresa do garoto se desfez.

– Ah, sim, Srta.... Srta....

– Bowman. – Lillian apontou casualmente para Daisy. – E esta é minha irmã. Ainda agora estávamos nos perguntando... Vocês nos deixariam jogar? Só um pouco?

Um silêncio de assombro se seguiu. Lillian deduziu que, embora fosse aceitável lhe emprestar o taco, deixá-la jogar com os outros cavaleiros era bem diferente.

– Na verdade, nós não jogamos muito mal – disse ela. – Jogávamos muito em Nova York. Se está preocupado com a possibilidade de diminuirmos o ritmo do jogo...

– Ah, não é isso, Srta. Bowman – retrucou Arthur, com o rosto vermelho como seus cabelos. Ele lançou um olhar hesitante para seus companheiros antes de voltar a atenção para ela. – É só que... senhoritas da sua classe... não podem... nós somos *criados*, senhorita.

– Estão em seu tempo livre, não é? – contrapôs Lillian.

O garoto assentiu, cauteloso.

– Nós também – disse Lillian. – E é só uma partidinha. Ah, deixe-nos jogar. Nunca contaremos para ninguém.

– Ofereça mostrar a ele seus arremessos – sugeriu Daisy pelo canto da boca.

Olhando para os rostos impassíveis dos garotos, Lillian concordou.

– Eu sei arremessar – falou, erguendo as sobrancelhas significativamente. – Bolas rápidas, bolas umedecidas com saliva, bolas de efeito... não quer ver como os americanos jogam?

Deu para notar que aquilo os intrigou. Contudo, Arthur disse, tímido:

– Srta. Bowman, se alguém as vir jogando *rounders* no pátio dos estábulos, provavelmente levaremos a culpa e então...

– Não, não levarão – disse Lillian. – Eu prometo que, se alguém nos pegar, assumiremos toda a responsabilidade. Direi que não lhes deixamos outra escolha.

Embora o grupo parecesse descrente, Lillian e Daisy insistiram e imploraram até eles enfim as deixarem jogar. Tomando posse de uma bola de couro gasta, Lillian flexionou os braços, estalou os nós dos dedos e assumiu uma posição de arremesso encarando o rebatedor, que estava na base designada Castle Rock. Apoiando-se no pé esquerdo, fez um lançamento rápido e preciso. A bola caiu em cheio na mão do recebedor, enquanto o rebatedor fazia um movimento de balanço e a perdia totalmente. Alguns assovios de admiração saudaram o esforço de Lillian.

– Nada mau para o braço de uma garota! – comentou Arthur, fazendo-a sorrir. – Agora, senhorita, se não se importa, quais são a bola e o efeito de que estava falando?

Lillian pegou a bola que lhe foi lançada de volta e encarou de novo o rebatedor, dessa vez agarrando a bola apenas com o polegar e os dois primeiros dedos. Recuou, ergueu o braço e depois a arremessou girando o pulso em um efeito que fez a bola se desviar para dentro justamente ao chegar a Castle Rock. O rebatedor a perdeu de novo, mas até mesmo ele reconheceu o bom arremesso. Na próxima vez, ele enfim acertou a bola, mandando-a para o lado oeste do campo, onde Daisy correu alegremente atrás dela. Daisy a lançou para o jogador na terceira base, que pulou para agarrá-la.

Em poucos minutos, o ritmo acelerado e o prazer do jogo fizeram todos perderem a timidez, e os impulsos, os arremessos e as corridas se tornaram desinibidos. Rindo e falando tão alto quanto os cavaliários, Lillian se lembrou da liberdade e da despreocupação da infância. Era um alívio indescrevível esquecer, ainda que apenas por um momento, as inúmeras regras

e o opressivo decoro que as sufocavam desde que tinham posto os pés na Inglaterra. E o dia estava glorioso, com o sol brilhando, mas muito mais ameno do que em Nova York, e o ar suave e fresco enchia seus pulmões.

– É sua vez de rebater, senhorita – disse Arthur erguendo a mão para Lillian e lhe atirando a bola. – Vamos ver se é tão boa nisso quanto no arremesso!

– Ela não é – informou Daisy de pronto, e Lillian fez um gesto com a mão que arrancou gargalhadas escandalizadas dos garotos.

Infelizmente, era verdade. Apesar de toda a sua precisão nos arremessos, Lillian nunca dominara a arte de rebater – um fato que Daisy, que era melhor nisso que a irmã, tinha grande prazer em salientar. Lillian segurou o taco com a mão esquerda como se fosse um martelo e deixou o dedo indicador da mão direita ligeiramente aberto. Erguendo o taco sobre o ombro, esperou o arremesso, calculou o tempo com os olhos apertados e tentou bater na bola com toda a força. Para a sua frustração, a bola passou por cima do taco e da cabeça do recebedor.

Antes de o garoto poder correr atrás dela, a bola foi atirada de volta para o arremessador por alguém fora de vista. Lillian ficou perplexa ao ver o rosto de Arthur subitamente assumir uma palidez que contrastava com seus cabelos ruivos. Perguntando-se o que poderia tê-lo deixado assim, Lillian se virou e olhou para trás. O recebedor parecia ter parado de respirar enquanto também olhava para o visitante.

Ali, apoiado des preocupadamente na cerca do padoque, estava ninguém menos que Marcus, lorde Westcliff.

CAPÍTULO 3

Praguejando em silêncio, Lillian olhou para Westcliff com irritação.

Ele respondeu erguendo uma das sobrelhas de modo zombeteiro. Embora usasse um casaco de montar de tweed, o colarinho da camisa estava aberto, deixando à mostra o pescoço forte e bronzeado. Em seus encontros anteriores, Westcliff sempre estivera impecavelmente vestido e penteado. Mas naquele momento tinha os fartos cabelos pretos revoltos pelo vento e a

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br